

CONTAMINAÇÕES ARCAICAS DO CORPO NO CONTEMPORÂNEO

KATHIA CASTILHO CUNHA

Começar pela borda, pelo mais extremo de um corpo, sua pele. Perceber o quanto ela deseja desmanchar-se, vestir-se de outros, povoar-se, estranhar-se, elastecer-se. Suas cicatrizes, dobras, manchas, rugas, sulcos comentam sua plástica memória. Nela aderem-se os desenhos do tempo: o vivido, o vivenciado, o inventável.

Rosane Preciosa

A possibilidade de redesenhar o próprio corpo, em razão da eterna insatisfação humana com a própria aparência, é um dos moventes que permite a transformação do ser biológico em ser cultural. A imagem que um sujeito cria de si mesmo se exprime, então, em codificações, em seu modo de aparecer e de se mostrar para ser visto. Este seu fazer, uma montagem discursiva, resulta na re-arquitetura anatômica de seu corpo e de todas as suas modalidades expressivas e narrativas.

A imagem do corpo humano, revestido pelas contaminações socioculturais contemporâneas, revela-nos um sujeito imerso em um novo processo de resignificação, onde o corpo se faz ver como uma construção cultural, atado a visões de mundo específicas, construído e articulado por meio de categorias de enunciação do visível. Nas manifestações discursivas deste corpo,

podemos observar inter-relações múltiplas de discursos que repropõem e atualizam, imageticamente, novas formas de ser e estar presente no mundo.

Situações emergentes nos indicam novos parâmetros para entendermos a idéia de presença já que a mesma se estende além do espaço físico que determinado corpo ocupa, ampliando-o e potencializando-o na multiplicidade de focos de permanência em locais distintos e provocando um desdobramento contínuo do estado perceptivo.

Pensar o corpo significa confrontar-se com um “sujeito/objeto” que assume simultaneamente diferentes trajetórias, onde a multiplicidade de significações nos remete a diferentes olhares. Isso implica que ao investigarmos a significação “no” e “do” corpo contemporâneo, constatamos a necessidade de redefinir modos e características da produção de sentido. Consideramos o corpo como alguma coisa que somos e possuímos. É o único caso em que podemos tratar de um ser e haver que não é alusivo, mas sim conjunto. Sua concepção é individual e ao mesmo tempo coletiva, apresentando-se como base da manifestação de todo o gênero humano, singularizado por características da individualidade, em consequência da própria subjetividade.

Podemos deduzir que o corpo constitui-se de uma originária ambivalência, de uma abertura de sentido que permite uma certa flutuação de significação, plena de conotações, que, em sua manifestação, ganha ou estabelece novos valores, abolindo ou impondo novos limites e, portanto, novas possibilidades de significar. Torna-se impossível verificarmos tal dinâmica se não considerarmos a ambivalência como elemento fundamental, de base, para centralizar seus discursos, já que este possibilita considerar as estratificações do significado, das mais articuladas e complexas que são configuradas na estrutura do sujeito e em suas formas de manifestação.

O corpo humano, entendido como mídia, meio, canal de mediação de sentido e de produção de experiências apresenta atualmente outras noções de limites de tempo e espaço, e de diferentes níveis de presença. Da comunicação original; gestos, fala, presença física, à extensão do corpo através de próteses¹ ou órteses² até as mediações via novas tecnologias onde o corpo habita espaços virtuais. Constata-se o desejo de estabelecer continuidade de ação, de permanência, e de extensão da corporalidade, tal situação, exige um estado de percepção desdobrada e consciência simultânea do corpo em relação ao espaço circundante, projetado e subjetivo. O corpo se desdobra na rede, através da telepresença, manifesta-se virtualmente, adentrando simultaneamente diferentes espaços – o que facilita e promove novos formatos de relações sociais (nova dinâmica de contatos baseada no afastamento das relações sensíveis) – mas que busca satisfazer uma nova categoria de tempo; o neurótico, o obsessivo desejo de onipresença e consequentes desdobramentos

do eu, que percorre simulações de espaços construídos tecnologicamente, no qual o corpo é disseminado, estendido e encontra seu tempo de ação, comunicação e articulação multiplicada.

Nossa preocupação se detém na transformação do corpo humano, observado como uma prática estética, histórica e documental, sustentada ainda por uma série de observações que podemos definir como científicas, artísticas e biomédicas. Faz-se presente uma certa inquietação.

O estado de mutação atual que o corpo apresenta, manipula através da construção, reorganizada esteticamente, uma nova imagem corpórea, um novo ser, que interage com a problematização dos espaços socioculturais e tecnológicos de nossa época questionando assim valores, limites e dimensões inerentes à presentificação do sujeito. Segundo Santaella:

No imaginário coletivo popularizado pelo cinema, a visão de uma criatura híbrida, cyborg, mistura de gente e dispositivos maquínicos, já começou a aparecer há algum tempo. Também no mundo intelectual e artístico, a reflexão e as produções estéticas sobre a emergência de seres fronteiros, cyber-orgânicos, tem se intensificado na última década.

É através do corpo, considerado então como elemento midiático, que se encontra a possibilidade de apreensão dos sentidos que nos fornecem informações relativas às formas de experiências, que serão elaboradas segundo uma trajetória dinâmica do seu significante e significado e de sua característica de subtrair-se às tentativas de definições não se deixando apreender na sua totalidade, visto que se apresenta em permanente estado de veiculação, estabelecendo e processando novas relações. Neste sentido verificamos que o corpo é ritual, é plural e não é pacífico na produção de seu discurso estético e é então reconstruído e presentificado como uma nova proposta de interatividade.

Os limites geográficos, físicos, ritualísticos, vão sendo redefinidos visto o acelerado processo dos avanços tecnológicos que configuram novas dinâmicas, promovendo o isolamento físico, incentivando o contato virtual, oferecendo novos ritmos de apropriações, e estabelecendo uma nova categoria de tempo e espaço (virtual/real). Frente a este redimensionamento, se estabelecem novas categorias estéticas e estésicas que se proliferam na forma de presentificação do sujeito, em sua dinâmica de ser e parecer arquitetada em seu próprio corpo e em relação ao espaço circundante e subjetivo. Enquanto forma matérica da representação corporal é o próprio corpo que se empresta a inscrições da cultura se entendermos a pele como metáfora matricial do papel. Desfile recente da coleção inverno 2001 da grife brasileira Ellus, durante a X São Paulo Fashion Week, mostrou tal intento através de mode-

los pintados não com a maquiagem convencional, mas cujo corpo mostrava-se revestido de poesias em *lettering*.

Interessante notarmos que o corpo como origem e objeto da caligrafia humana sempre contou com uma posição matérica muito presente na arte ocidental. Já no Velho Testamento anunciava-se a vinda de Deus à terra a fim de provar sua corporalidade e portanto sua humanidade.

A estrutura física e morfológica do corpo se constitui em uma das possibilidades de integração do sujeito com o mundo, ou ainda, uma das formas de estabelecimento de suas relações com “o outro”. O corpo, neste contexto, deve ser entendido como veículo de significação primordial, indubitavelmente, o primeiro meio que possibilita nossa interação no contexto socio-cultural. Ele é o canal de materialização do pensamento, do perceber e do sentir o circundante e o responsável por conectar o ser com o mundo que este habita. A condição do homem é corpórea, suas fronteiras são traçadas pela carne, limite físico, que o compõe e que o distingue de outro indivíduo.

Se a constituição de um sistema de comunicação repousa sobre o estabelecimento e uso de certos códigos, supondo, a priori, a escolha de algum suporte material, elegemos aqui o próprio corpo como suporte sensível que se articula com diferentes códigos e que processa continuamente uma série de significantes e significações. O corpo constrói manifestações textuais que se deixam apreender e significar pelos efeitos de sentido que produzem. Esse corpo cria processos de identidade e segundo a afirmação de Landowski, (1996: 22) “é a presença do outro, como corpo visível e sensível com o qual podemos nos identificar, representa, é claro, a cristalização do sentido” que está sempre aberta a ressignificações.

Portanto é o corpo, ou ainda a imagem dele, que nos personifica e nos torna presentes no mundo. Ainda que inerte, ele pode enquanto estrutura plástica, multiplicar-se em diferentes configurações que serão assimiladas visualmente e perceptivelmente através da composição de elementos capazes de revelar possibilidades de organização e construção da imagem física. A existência, veracidade e consistência da aparência, determina-se pela presença e conseqüente percepção do outro. Cada uma de suas organizações nos remete a unidades sintagmáticas, nas quais o corpo, como sujeito coletivo, seria o paradigma das possíveis combinatórias discursivas.

As transformações ou manipulações do corpo ocorrem através da prática de ações impulsionadas pela cultura, apresentam-se em função de processos contextuais interativos e são responsáveis por gerar novas configurações no próprio corpo. Pinturas, mutilações, tatuagens, escarificações, maquiagem, cosméticos, próteses, cirurgias estéticas, transformam o plano de

expressão do corpo adquirindo novos meios de rearranjar combinatórias discursivas.

As práticas culturais reveladoras, não apenas da ação do homem sobre a natureza que o circunda, mas também do exercício do imaginário sobre seu próprio corpo aparecem por meio da insatisfação e desejo de mudanças no próprio corpo. A manipulação do corpo como suporte, ou espaço de intervenção e escrita é uma manifestação textual de seu ser.

Podemos também verificar exemplos tecnocientíficos que recompõem, reintegram ou readaptam o corpo a definições estéticas e de funcionamento cultural, como é o caso de óculos, lentes de contato, aparelhos auditivos, bengala, marcapasso, válvula mitral, dentaduras, sem falar dos transplantes dos órgãos ou próteses que substituem membros do corpo ou mesmo na exclusão de determinados componentes físicos, como é o caso das costelas, dentes, etcetera.

Existem inúmeras maneiras de fabricar ou reconstruir o corpo que se relacionam aos procedimentos de ordem estética ou de embelezamento pertinentes à motivação de decoração corpórea, quer sejam mutilação, pinturas sobre a pele ou revestimento e sobreposição de adornos ou trajes. Verificamos que, hoje, mais do que alterações provocadas pelas transformações na 2ª pele – vestes e acessórios – nosso olhar contempla novas estéticas promovidas na própria epiderme. A popularidade é tamanha que programas de auditório televisionados apresentam processos de *branding* feitos ao vivo com pessoas da platéia (SBT 2001).

Nesta perspectiva, nos meios de comunicação, de representação artística e no diálogo que se estabelece entre a arte e a moda contemporânea, proliferam-se exemplos onde caracteriza-se a pesquisa por novos padrões estéticos, de organização do matérico, de suportes representacionais, de possibilidades de mediações com o corpo e inserções corporais. Tais relações, que definem o corpo contemporâneo, possuem características traçadas na construção de um novo sujeito centrado no tempo presente, que carece de novidades e que está em constante mudança.

Médicos e artistas compartilham de longa data o interesse pelo corpo como objeto de estudo. Se o impulso para criar é uma característica definitiva da evolução genética da humanidade, é pertinente afirmar que a primeira tela onde essa tendência se confirmou foi a própria epiderme através da pintura corporal mágico-religiosa.

O corpo humano é o suporte privilegiado de significação, interação e inserção de novos valores que estão sendo processados cotidianamente no “mundo”, que sofre ou manifesta sua tentativa de adaptação de forma estética, provocando estranhamentos principalmente frente a novas tecnologias já

que nas relações virtuais o corpo físico, encontra-se tão ausente quanto as relações sensíveis de contato. Tais estranhamentos ganham grande difusão e repercussão na mídia, que se interessa em questionar ou representar esta nova sociedade que ora se fundamenta também em virtualidades.

O corpo é então reconstruído e presentificado como uma nova proposta de interatividade com tempo (futuro) e espaço (virtual) que absorve a problemática da reconstrução de um novo paradigma inserido nesta dinâmica do tempo presente e contaminado pelas novas relações de comunicação e interação que se apresentam na própria dinâmica do corpo que assume a possibilidade de ressignificação na própria pele enquanto texto.³

A intertextualidade que se articula no corpo contemporâneo questiona seu limite físico. O desejo é de estabelecer continuidade, vontade de onipresença demonstra novas opções de lidar com a angústia da morte, de permanência. O corpo físico começa a parecer como obsoleto, é justamente esse plano que nos limita. É o próprio corpo que interage na ação de exploração de seus limites reais como pó exemplo à dor (construção mental cultural), à inadequação de respostas simultâneas e de locomoção, à sua possibilidade de mutação, resistência e exteriorização de alguns sistemas biofisiológicos como resultados de clonagem e na reprodução da espécie em laboratórios.

Os padrões ou normas estéticas estão sendo desestruturados. Hoje, o corpo protagonista se caracteriza pela estética da ausência de membros físicos por exemplo, ou anomalias que transformam o que era visto como “defeito” em “dons” dotados de novo sentido estético e nova estrutura de proporção. A luta é pela singularidade do corpo e não a aceitação do corpo vivido e reproduzindo sinais de vínculo social.

Desta forma, podemos entender as mudanças que se enunciam na presentificação das novas imagens veiculadas do corpo contemporâneo como performance da identidade material/física do sujeito, como uma nova proposta de dimensão mundana da subjetividade.

O estado de mutação atual que o corpo apresenta, manipula através da construção reorganizada esteticamente e esteticamente uma nova imagem corpórea, um novo ser, que interage com a problematização dos aspectos socioculturais e tecnológicos de nossa época questionando assim valores, limites e dimensões da própria presentificação do sujeito ocupando novos espaços que são oferecidos por novos meios de comunicação e interação.

Frente a novas tecnologias o sujeito se presentifica pela sensorialidade, seu corpo aparece disseminado, flutuante, e o registro é armazenado na memória como uma extensão – corpo estendido na rede – presença estendida e desencarnada o que nos faz apreciar a manifestação do – corpo imaginário flagrado em subjetividades.

O corpo é uma poderosa e multifacetada instituição política; é a estrutura primordial da vida, o canal essencial da materialização do pensamento, conectando o ser com o mundo em que habita. As formas de presentificá-lo e inseri-lo em relação com o mundo e com seus semelhantes é uma forma de projeção, de simulação do próprio mundo recriado tanto para a representação social quanto para o próprio indivíduo que se justifica frente à projeção de sua aparência reconhecida ou então como texto significante para o outro. O sujeito, portanto, se presentifica, temporária e espacialmente em seu ambiente circundante adequando-se ou não a certos grupos, valores e idéias.

O corpo significa então, quando revestido por junções (conjunções e disjunções) a valores e dogmas. É a representação de um sujeito em processo, que constrói por meio de categorias do visível, diferentes textos que declaram seu ser e estar no mundo, sua presentificação no tempo e espaço. Desta forma, podemos entender então, o corpo como performance da identidade material do sujeito e como dimensão mundana da subjetividade e interatividade com o meio.

A aparência física do corpo humano manifesta-se em diferentes textos imagéticos nos quais pode ser apreendida como uma combinatória de discursos plenos de significações, o que nos permite eleger aqui o próprio corpo como suporte visível de um sistema de comunicação que repousa sobre o estabelecimento e uso de certos códigos que processam continuamente uma série de significantes, enformando significações pelos efeitos de sentido que produzem.

O discurso do corpo, constituído de partes encadeadas em sua totalidade, faz sentido por sua movimentação, seus ritmos, onde a relação entre a estabilidade e dinamismo tem um papel definidor das relações e práticas sociais. O corpo, em si mesmo, tem seus modos de ser e estar, que, no conjunto de suas manifestações apresentam e identificam uma organização própria que aprendemos tanto fenomenológica e perceptivamente quanto cognitivamente. São essas manifestações de fato, presentificações, que atualizam um ato, uma ocorrência e apresentam possibilidades de múltiplas articulações das estruturas físicas. O corpo deve, então, ser observado na sua contextualização e inserção em um determinado tempo e meio cultural.

1. A PRESENTIFICAÇÃO DE UM SUJEITO “CORPO”

A ação de decorar, ornamentar, vestir e revestir o corpo por intermédio dos trajes ou adornos, ou ainda a junção do corpo humano a tais elementos decorativos, que se sobrepõem à superfície natural do corpo, à pele,

é um exercício constante de percepção e cognição em relação ao universo cultural, no qual esse se encontra inserido.

Nossa cultura, caracterizada pela grande importância atribuída à imagem, privilegia a organização (sintática/semântica) do discurso corpóreo e nesse, a moda interfere no delineamento de sua plástica. Nessa intersemiose, esses discursos se interseccionam e se edificam. É possível a exploração do estudo do corpo como suporte de manifestações significativas tanto a nível extradérmico, epidérmico quanto endodérmico. Esses três níveis de manifestações são verificados em imagens veiculadas em revistas de moda na contemporaneidade.

Como sabemos, a moda (vestes e acessórios) simula o corpo, transforma-o, tem com ele uma interação plástica, plasmando, reconfigurando novas formas e volumes, novas cores e texturas, novas proporções e projeções. Metamorfoseando o corpo numa segunda pele, a moda hoje parece reviver sua própria história de relações com o corpo no exercício contínuo do jogo do parecer. Podemos dizer que trata-se de uma pele social que reveste a pele simbólica, camaleonicamente alterada conforme o grau de socialização. O sujeito portanto encontra-se revestido pelo personagem que quer encarnar.

Na configuração formal do corpo, a moda provoca e confunde a distinção sexual, (masculino/feminino) e anuncia-se enquanto protagonista da inversão do sentido. Verifica-se que no percurso que vem se apresentando começa-se a evidenciar, em superfície o que era mantido escondido, oculto. As etiquetas são exteriorizadas no traje, roupas íntimas passam a ser de uso externo, as costuras aparecem. As funções de cobrir, revestir, ocultar dos próprios tecidos são abandonadas a favor da transparência onde a então chamada segunda pele inverte sua relação de exterior, de revestir para deixar em evidência o próprio contorno das linhas do corpo, anteriormente, suporte das estruturas do trajar. Adota-se então, um discurso intertextual como processo de mutação constante que revela cada vez mais o corpo enquanto percurso da discursividade no qual roupas e objetos de valores encontram-se intrinsecamente encadeados.

A própria plasticidade do corpo é que se expõe à transformação verso o mundo e tem-se um corpo que sente e vivência na própria pele o que o mundo sente na sua máxima extensão estética, a reproposição de novos paradigmas estéticos.

As novas tecnologias não surgem de maneira autônoma. Expressam necessidades e desejos humanos, concretizados mediante práticas materiais e sociais, realizadas através da tradição de representação.

Corpo e traje se imbricam em corpo decorado, adornado, tatuado, es-carificado, mutilado, estampado. Em relação conjunta como termo complexo,

o discurso compreende, de um lado uma conjunção, de outro, uma disjunção entre o corpo e os valores/trajes da moda. Em ambas, se encontra presente e se exhibe um sujeito que, na sua aparência, já apresenta um discurso articulado, em que corpo e moda estão conjugados.

O corpo enquanto suporte se transforma em território da troca entre oposições como natural versus artificial, masculino versus feminino, mecânico versus biológico. Um corpo de metamorfoses, de superfície cujas inscrições são narrativas múltiplas que articulam uma rede de contaminações.

Corpo como território de controle e regulamentação social, suporte de intertextualidades de troca, de jogo de poder, de estética, moral, sedução e ideologia. Este corpo assume hoje uma importância ainda maior no protagonizar as metáforas e projeções na representação e encarnação da imagem de moda do tempo presente e sua perspectiva de futuro. O processo de redefinição da identidade e da inversão de papéis sexual e social nos configura o corpo que se constrói hibridamente entre o orgânico e inorgânico, entre material, biológico e o micro chip.

A mutação revigora-se violando o sagrado e potencializando a imagem do corpo como espaço ideal da transformação do sujeito e da pele, exacerbadamente sensível, passional, como confirm, local de contato e separação entre o eu e o mundo.

O corpo transforma-se como uma nova manifestação da verdade, do limite entre nosso ser e as tensões do imaginário coletivo. É um corpo híbrido, traçado e articulado grotescamente, estranho e que quer reafirmar o direito à singularidade em uma época de homologação. Modificar e marcar o corpo, além de protagonizar uma teatralização, performance do cotidiano, é também se manifestar, buscar relações humanas, o olhar do outro para que se possa ser reconhecido enquanto sujeito e assim, represente e atue em seu papel.

Sujeito reconstruído, valores novos que devem adentrar ao universo físico, material, em relação de junção a oposição homem/máquina. Novas pressuposições se transformam versando novos ideais e programas narrativos que se configuram em objetos de valores e que se manifestam nos conceitos de corpo sintético pela robótica, corpo etéreo pela virtualidade, corpo contaminado pelas novas tecnologias, potencializado pelas novas formas de integração e comunicação e especialmente mutante no seu ser e parecer por meio de próteses tecnológicas. As reconstruções do corpo por meio das técnicas e de produções artificiais da identidade criam, portanto, efeitos de sentido díspares, tocando o centro de tensões de nosso ser.

Em uso corrente na arte contemporânea, na *body* arte e nas contra culturas cyberpunk, o conceito de mutação e as diferentes formas de presentifi-

cação nos fornecem amplo repertório imagético para análise e apreensão do sistema de significação da imagem. Esse se constrói a partir da idealização do corpo como construção do contemporâneo, possibilitando-nos a investigação da característica mutante que caracteriza a era da informação multi-mediática que coloca em crise os valores universais humanísticos gerando novos sentidos, explicitando novas intermediações com a realidade e estruturando-se na ambivalência do prazer dos sentidos e do estranhamento e inversões de valores sensoriais enunciados pela própria articulação dos elementos físicos e qualidades sensíveis do corpo humano.

Nos últimos anos difundiu-se amplamente a prática de provocar modificações permanentes no corpo. Sociedades arcaicas já inseriam no corpo sinais, tatuagens, escarificações indeletáveis, permanentes, que sinalizavam status, função e organização social e estética. Com o desenvolvimento social, o discurso realizado sobre o corpo hoje, ganha proporções e se dinamiza através dos objetos de adorno e trajes que permitem a articulação de discursos provisórios efêmeros. Assim é que troca de roupa corresponde a mudar de discurso, protagonizar um novo papel social. Hoje, a pele é novamente tatuada, desenhada, perfurada. O próprio corpo transforma-se enquanto suporte da ação, do fazer estético e da própria metamorfose.

A tatuagem, hoje, é um ritual de passagem, uma forma de reconhecimento do seu espaço de inscrição onde reencontramos a idéia de fazer ver, identificar-se na própria pele, inscrevendo-se no próprio corpo. Neste sentido, cicatrizes passam a ser marcas pessoais, identificadoras de processos vividos individualmente e que, portanto, contam histórias pessoais. Ao contrário de roupas, acessórios e cosméticos – que podem ser eliminados simplesmente – marcas no corpo fornecem perenidade a esse mosaico de informações que carregamos na aparência e que discutem a efemeridade da moda.

A grande diferença do arcaico ao contemporâneo, entre cosméticos, tatuagens e escarificações não está apenas na sua duração, na formação da comunidade ou na coragem de suplantar a dor mas verificamos que enquanto a maquiagem tenta reconstruir o corpo feminino de modo a se encaixar na demanda estética de uma sociedade patriarcal, desenhos corporais perenes pretendem romper com tais convenções de beleza.

Na sua relação com o sensível o homem mantém espontaneamente tensividade, figurativização, enunciação do discurso e da metamorfose que se processam no sujeito, e que se manifesta através da plasticidade física de seu corpo e de seu desejo de estar presente, querer ser visto, atraindo o olhar do outro. Conjunções a valores e paixões, que devemos reaprender a ler como estrutura discursiva, a reorganizar enquanto experiência estética e estética a fim de verificar o modo em que o enunciador e o enunciatário se relacionam

com o mundo das representações estabelecendo outra maneira de habitar, conceber e conhecer o mundo figurativo plástico, numa espécie de cintilação da imanência do sentido e propondo a investigação da transformação fundamental da ruptura entre o sujeito e ser e entre o parecer e o corpo figurativo plástico.

É a partir da tensão entre o aqui e o agora da ruptura entre o sujeito e o objeto (o eu que se dissocia do corpo matérico) e o espaço/tempo (virtual/real) além de que para onde estas perspectivas apontam que se dá a metamorfose do ser em parecer estético.

Figurativização profunda, lugar de uma metamorfose radical na qual as figuras do mundo engendradas pela percepção se transmutam em figuras do sentido frente a eventuais fraturas de valores, possibilitem que a transformação ou transfiguração estética opere uma recuperação deste ato fundador da linguagem e do ser, metamorfoseando a própria experiência em significação perspectiva. Neste sentido, é inerente ao próprio corpo enquanto matéria plástica, uma potencialidade ligada a sua própria estrutura e substância orgânica.

NOTAS

1. Instrumentos mecânicos que substituem membros amputados ou debilitados.
2. Aparatos ou instrumentos mecânicos que visam corrigir deformações, ampliar o desempenho e melhorar a função de um membro do corpo humano.
3. Greimas (1983) se refere a este verbete como um objeto histórico e uma totalidade de sentido. Texto é então compreendido como uma combinação de unidades semióticas elementares conforme o processo teórico da comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMPELO, C. R. (1997) *Cal(e)idoscorpis*. São Paulo: AnnaBlume.
- CERIANI, G. e GRANDI, R. (orgs.) (1995) *Moda: Regole e Rappresentazioni*. Milano: Franco Angeli.
- GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. (1979) *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix.
- HUIZINGA, J. (1993) *Homo Ludens*. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva.
- LANDOWSKI, E. (1992) *A Sociedade Refletida*. São Paulo: Educ e Pontes.
- (1996) “Viagem às nascentes do sentido” em *Corpo e Sentido* de I. A. Silva (org.). São Paulo: Educ, Unesp.
- OLIVEIRA, A. C. de e LANDOWSKI, E. (orgs.) (1995) *Do Inteligível ao Sensível*. São Paulo: Educ.

- SANT'ANNA, D. B. (org.) (1995) *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade.
 SBT (2001) – Sistema Brasileiro de Televisão. Fevereiro.
 SEMPRINI, A. (1996) *Analyser la Communication: Comment Analyser les Images, les Médias Publicité*. Paris: L'Harmatan.
 SILVA, I. A. (org.) (1996) *Corpo e Sentido*. São Paulo: Educ, Unesp.

Internet:

- Site: Moda Brasil – <http://www.modabrasil.com.br>
 Rosane Preciosa – Caras Imagens. Julho 2000
 Célia Maria Antonacci Ramos – Narigudos e Insatisfeitos Graças a Deus. Dez. 1999.
 PUC-SP. Comunicação e Semiótica
www.pucsp/~cos-puc/interlab/santaell/index.htm
 Lucía Santaela. Cultura, Tecnologia e Corpo Biológico.

ABSTRACT

More than re-inventing fashion as a concept, we choose to recreate our body, giving it new meanings, hiding or revealing different parts and amplifying its capability of meaning as a sensible support, it is the body itself which is twisted, stretched, enlarged and changed throughout time. Modified according to certain periods and aesthetic concepts, the body redefines itself following an specific era. The nudity that he were born with is manipulated marking therefore strong link. Moreover body history follows the history of culture itself.

Kathia Castilho Cunha é mestre em Comunicação e Semiótica pela Puc-SP e doutoranda no mesmo programa. Coordenadora dos projetos de Moda e Design aplicados a novas tecnologias da Universidade Anhembi Morumbi - SP tais como a revista digital *Moda Brasil* e os cursos de moda pela Internet - especialização em Moda e Comunicação, onde é responsável pela disciplina Moda e Linguagem, e cursos de extensão. E-mail: kathia@anhembi.br

MAQUILLAJE: AUTENTICIDAD DEL ARTIFICIO

PATRIZIA MAGLI

En el análisis fisonómico, el rostro se configura como un sistema de expresión regulado por Descartes y susceptible de recibir una interpretación semántica. Se trata de una empresa semiótica que revela bajo forma de parábola, su doble tendencia: por una parte trata de establecer, con un aparato categorial “fuerte”, las constantes en grado de constituir tipologías y clases con las cuales analizar el objeto de estudio; por la otra, se orienta a individualizar y hasta a multiplicar las diferencias que constituyen la singularidad de estos objetos. Los rasgos fisonómicos se configuran no sólo como modos particulares del “decir” sino sobre todo como modos de “mirar” el cuerpo. Para Aristóteles, el primer fisionomista sistemático de la historia, el alma es *figura y forma*, el cuerpo, *materia*. Las *pasiones* son entonces formas impresas en la materia. Forma y materia no son exclusivamente modos de ser del cuerpo sino dos modos de *ver* el cuerpo (Magli 1995: 23).

Las líneas de la frente analizadas por Cardano, las figuras de las pasiones dibujadas por Le Brun, las *silhouettes* de Lavater, las máscaras neutras del cardenal Richelieu no son *signos* de la misma naturaleza y no permiten el mismo tipo de interpretación. Estos signos no suponen ni la misma posición de quien los observa, ni la misma identidad de quien los produce. Y sin embargo, todos estos *tipos* de signos, su diferente modalidad de producción y de desciframiento se unen para crear una verdadera *polifontía* del rostro que ha-